

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Perspectivas de evolução e tendências

Américo Junior Nunes da Silva

Ivanete dos Santos de Souza

Ismael Santos Lira

(Organizadores)

Atena
Editora
Ano 2022

Vol 4

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Perspectivas de evolução e tendências

Américo Junior Nunes da Silva

Ivanete dos Santos de Souza

Ismael Santos Lira

(Organizadores)


Atena
Editora
Ano 2022

Vol 4

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kápio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

A educação enquanto fenômeno social: perspectivas de evolução e tendências 4

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Soellen de Britto
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Américo Junior Nunes da Silva
 Ilvanete dos Santos de Souza
 Ismael Santos Lira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 A educação enquanto fenômeno social: perspectivas de evolução e tendências 4 / Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, Ilvanete dos Santos de Souza, Ismael Santos Lira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0708-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.089222511>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Souza, Ilvanete dos Santos de (Organizadora). III. Lira, Ismael Santos (Organizador). IV. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Temos alguns pilares que inspiram a organização deste livro: o reconhecimento da educação enquanto fenômeno social, as perspectivas que permeiam o processo educacional, harmonizando com o reconhecimento de tendências que forjam a educação como um campo de pesquisa multidisciplinar em contínua e necessária evolução.

Pensarmos a educação enquanto fenômeno social nos conduz a considerar como não triviais o contexto cultural e tudo que dele decorre: os hábitos compartilhados socialmente, os valores morais que identificam uma coletividade específica, as crenças que a mantém coesa. Durkheim (1985), já no início da constituição da Sociologia como disciplina acadêmica, chamava atenção para o fato social como aquilo que perpassa pelos modos de pensar, agir e sentir; que reverberam sobre os indivíduos, exercendo uma “força” sobre as adaptações as regras socialmente estabelecidas. A educação, por exemplo, é um fato social, pois durante todo esse processo os indivíduos vão se desenvolvendo enquanto sujeitos e preparando-se para a vida em sociedade.

Nesse novo século, temos como tendências (não apenas essas), para as práticas pedagógicas, o uso cada vez mais acentuado das tecnologias digitais da comunicação e informação, como a cultura maker, a gamificação e a realidade virtual, destaque para atividades escolares que busquem, de fato, o protagonismo dos estudantes como, por exemplo, a aprendizagem baseada em problemas. Essas tendências estão sendo implementadas, mesmo que timidamente, em algumas instituições de educação ao redor do mundo.

Nesse cenário, viu-se ainda com mais clareza a necessidade de rever o processo formativo dos professores a fim de atender as demandas curriculares e pedagógicas. Cabe aqui localizar o leitor quanto ao contexto social em que os estudos, aqui apresentados, foram gestados. Trata-se de um período pós-pandêmico em que ainda buscamos adaptações para uma nova realidade decorrente de um fenômeno que acentuou ainda mais as desigualdades sociais tais como o acesso à tecnologia e infraestrutura precária das escolas.

As reflexões tecidas nesta obra, intitulada: “**A Educação enquanto fenômeno social: perspectivas de evolução e tendências**” trazem algumas discussões cujo foco problematiza a educação em diferentes contextos, inclusive o pandêmico, a Educação Matemática Inclusiva, a formação de professores, entre outros.

Dessa forma, convidamos os interessados nos diferentes fenômenos que compõem a educação enquanto prática social enriquecida pelos múltiplos contextos no qual se desenvolve, a refletir à luz desta obra, suas perspectivas e tendências. Esperamos ainda, que ao explorar esse volume, os estudos nele contido possam promover outras investigações e compartilhamentos sobre as

nuances que compõe a educação. Esperamos ter aguçado sua curiosidade sobre as temáticas aqui apresentadas. Portanto, vamos começar?

Américo Junior Nunes da Silva
Ilvanete dos Santos de Souza
Ismael Santos Lira

CAPÍTULO 1 1

UMA IDENTIDADE EM QUESTÃO: VIVA O POVO BRASILEIRO, SEU DISCURSO, LINGUAGEM E EXPRESSÃO

Moacir dos Santos da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0892225111>

CAPÍTULO 2 13

UMA IGUALDADE SELETIVA: A EXCLUSÃO FEMININA NO CONTEXTO DA REVOLUÇÃO FRANCESA(1789-1799) A PARTIR DA ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS DA REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DE MARINGÁ/PR

Raiza Aparecida Favaro

Sabrina Araujo de Sousa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0892225112>

CAPÍTULO 324

VIRTUALIZATION: PEDAGOGICAL STRATEGIES USED IN MEDICINE STUDENTS

Karina Ivett Maldonado León

Luis Fernando Dzul Maldonado

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0892225113>

CAPÍTULO 430

UM ESTUDO BIBLIOMÉTRICO SOBRE AS POTENCIALIDADES DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL ÀS PRÁTICAS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS

Ellen Dean Ribeiro Teixeira

Eduardo Amadeu Dutra Moresi

Pricila Kohls-Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0892225114>

CAPÍTULO 552

TRAJETÓRIA DE UMA EDUCADORA SEM TERRA FORMADA NA CONCEPÇÃO DA PEDAGOGIA LIBERTADORA

Eliane Greice Davanço Nogueira

Rosa Maria da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0892225115>

CAPÍTULO 667

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS REALIZADOS PELO MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA DE BENGUELA DE 1976 À 1980

Angelina Lopes Luís Aguires Ngungui

Maria Helena Benjamim

Joaquim Moisés Gombe

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0892225116>

CAPÍTULO 777

TELETRABALHO DOCENTE E QUALIDADE DO ENSINO NO PÓS-PANDEMIA

Fabio Batalha Monteiro de Barros

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0892225117>**CAPÍTULO 894**

TAREFAS DE LEITURA DE ARTIGO CIENTÍFICO PELA PERSPECTIVA SOCIODISCURSIVA DO CÍRCULO DE BAKHTIN

Maristela Schleicher Silveira

Cláudio Primo Delanoy

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0892225118>**CAPÍTULO 9 108**

RESPONSABILIDADE DOCENTE E VIOLÊNCIA NA ESCOLA: REDE DE DISCURSOS QUE NÃO SE CONECTAM COM AS ESTATÍSTICAS DE DESIGUALDADE NO BRASIL

Leandra Bôer Possa

Neffar Jaqueline Azevedo Vieira Assis Brasil

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0892225119>**CAPÍTULO 10.....118**

RELATO DE EXPERIÊNCIA INTERVENÇÃO CTS NA EDUCAÇÃO BÁSICA ALTA DOS PREÇOS DOS ALIMENTOS EM TEMPOS DE CORONAVÍRUS E A MATEMÁTICA

Well Max Maia da Cunha

Raíssa Almeida Gomes

Cíntia Maria Felício

Benjamim Cardoso da Silva Neto

Rayanne Lopes dos Santos Silva

Rosimiro Araujo do Nascimento

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08922251110>**CAPÍTULO 11 133**

PRÁTICAS COM O ENSINO DE MATEMÁTICA EM ESCOLAS DO CAMPO - EM TEMPOS DE PANDEMIA

Alicia Gonçalves Vasquez

Gerson Ribeiro Bacury

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08922251111>**CAPÍTULO 12..... 146**

PROJETO COMCIÊNCIA E EDUCAÇÃO: A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA NA FORMAÇÃO HUMANA E CIDADÃ

Antonio Jorge Sena dos Anjos

Patrícia Nascimento Melo Brandão

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08922251112>

CAPÍTULO 13..... 153

PROJETO DE AUTORREGULAÇÃO DA APRENDIZAGEM EM UM CURSO DA SAÚDE: “UMA CONVERSA AO PÉ DO UMBIGO”

Maurício Massayuki Nambu

Cristiane Fátima Guarido

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08922251113>

CAPÍTULO 14..... 164

PIAT (PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL APLICADA EM TURMAS): UMA PROPOSTA DE ACESSORAMENTO DIRETO AO DOCENTE NA FLEXIBILIZAÇÃO DAS PRÁTICAS DE ENSINO

Maria Rosa Trindade da Silva Ribeiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08922251114>

CAPÍTULO 15..... 173

PERSPECTIVA DE LA LECTURA COMO COMPETENCIA BÁSICA EN ESTUDIOS DE NIVEL SUPERIOR

Luz María Hernández Cruz

Diana Concepción Mex Álvarez

Julio Antonio Gutiérrez González

Joel Cristoper Flores Escalante

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08922251115>

CAPÍTULO 16..... 184

PATRIMÔNIO REGIONAL: A CRIAÇÃO DE UMA CARTILHA PARA VALORIZAÇÃO DA GASTRONOMIA DE SÃO JOÃO DE POLÉSINE – RS

Janaina Rubia Grellmann

André Luis Ramos Soares

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08922251116>

CAPÍTULO 17..... 189

OS IMPACTOS DO ENSINO DA ROBÓTICA EDUCACIONAL NA PRIMEIRA SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Wanderson Oliveira Aguiar

Gylmara Kylma Feitosa Carvalhêdo Almeida

Will Ribamar Mendes Almeida

Yonara Costa Magalhães

Elda Regina de Sena Caridade

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08922251117>

CAPÍTULO 18.....202

O PROCESSO DE LEITURA DE OBRAS LITERÁRIAS E OUTRAS LITERATURAS DOS SEGUIDORES DA REDE SOCIAL INSTAGRAM DA PROFESSORA POLIANNE BARBOSA DA SILVA SÁ EM ÉPOCA DE DISTANCIAMENTO SOCIAL CAUSADO PELA PANDEMIA DO NOVO CORONA VÍRUS

Polianne Barbosa da Silva Sá

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08922251118>

CAPÍTULO 19.....209

UM ESTUDO AUTOETNOGRÁFICO SOBRE A IMPLANTAÇÃO DAS NOVAS DCNS DE ENGENHARIA SOB A ÓTICA DE UM PRESIDENTE DE NDE

Antonio Carlos Santos do Nascimento Passos-de-Oliveira

Irlane Pardinho Oliveira

Heitor Borges Cruz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08922251119>

CAPÍTULO 20 218

SEQUÊNCIA DIDÁTICA UMA ABORDAGEM NO ENSINO DA QUÍMICA

Antonio Geilson Matias Monteiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08922251120>

CAPÍTULO 21..... 231

O USO DE PSICOFAMACOS EM CRIANÇAS COM TDHA

Jamile Gebara Murca

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08922251121>

CAPÍTULO 22237

PROGRAMA DE MEDICINA VETERINÁRIA INTEGRATIVA: O ÓLEO OZONIZADO NO CONTROLE DE VERMINOSES EM EQUINOS

Ana Luiza Dalava Carone

Maria Carolina Pansanato José

Mariza Fordellone Rosa Cruz

Diego Resende Rodrigues

Amanda Luiza Cirino

Giulia Maria Rodrigues

Fábio Keiji Anzai

Rafael Mesalla Costalonga Andrade

Ana Paula Millet Evangelista dos Santos

Carolina Maria Moço

Elisa Bueno

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.08922251122>

SOBRE O ORGANIZADOR244

ÍNDICE REMISSIVO246

CAPÍTULO 6

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS REALIZADOS PELO MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA DE BENGUELA DE 1976 À 1980

Data de submissão: 08/09/2022

Data de aceite: 01/11/2022

Angelina Lopes Luís Aguires Ngungui

Instituto Superior de Ciências da
Educação de Benguela, Departamento de
Ciências Sociais
Angola-Benguela
<https://orcid.org/0000-0001-8616-875X>

Maria Helena Benjamim

Museu Nacional de Arqueologia de
Benguela
Angola-Benguela
<https://orcid.org/0000-0002-8312-6746>

Joaquim Moisés Gombe

Angola-Benguela
Escola do ensino Secundário

RESUMO: O presente trabalho busca perceber que trabalhos arqueológicos foram desenvolvidos pelo Museu Nacional de Arqueologia de Benguela no período de 1976 à 1980. A pesquisa visou identificar as estações arqueológicas e os tipos de materiais arqueológicos existentes neste museu. Sendo um trabalho de natureza qualitativa serviu-se da pesquisa bibliográfica e da aplicação de inquéritos por questionário aos sujeitos participantes da investigação, para o alcance dos objectivos propostos. Desta investigação chegou-se

ao conhecimento de que existe cerca de dezasseis estações arqueológicas, com um acervo de vários instrumentos líticos entre núcleos, bifaces e raspadores e fragmentos de cerâmica descobertos no período em estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalhos arqueológicos, Património Histórico-Cultural.

ARCHEOLOGICAL WORKS CARRIED OUT BY THE NATIONAL MUSEUM OF ARCHEOLOGY OF BENGUELA FROM 1976 TO 1980

ABSTRACT: The present work seeks to understand which archaeological works were developed by the National Museum of Archeology of Benguela in the period from 1976 to 1980. The research aimed to identify the archaeological stations and types of archaeological materials existing in this museum. Being a work of a qualitative nature, bibliographic research was used and the application of surveys by questionnaire to the subjects participating in the investigation, in order to reach the proposed objectives. From this investigation, it became known that there are about sixteen archaeological stations, with a collection of various lithic

instruments between cores, bifaces and scrapers and ceramic fragments discovered in the period under study.

KEYWORDS: Archaeological works, Historical-Cultural Heritage.

1 | INTRODUÇÃO

O cruzamento de fontes no que concerne a conciliação entre a teoria e a prática, no estudo do processo histórico da humanidade tem sido defendido veementemente por estudantes de História, por este motivo, procuram por via da investigação proteger e divulgar os locais e instituições que conservam e classificam todos os vestígios materiais humanos que remontam desde a Pré-História aos nossos dias. Motivado pelo mesmo interesse, eis-nos aqui, com o propósito de trazer a comunidade leitora em geral e académica em particular, uma substância capaz de instigar o interesse de pensar e repensar a História para a reconstrução da identidade nacional, e como sabemos, passa necessariamente pela busca e divulgação das fontes em pesquisas arqueológicas, na medida que estas fontes permitem a obtenção do conhecimento histórico, ou esclarecimento de factos e acontecimentos históricos em que a Arqueologia interfere para a sua compreensão.

Fazendo juz a (Vansina, 1995), ao defender que todos os historiadores, independentemente da sua filiação disciplinar, portanto, podem aprender muito com a prática de arqueólogos sobre os perigos e os sucessos de reconstruir a História de um lote variado de fontes. Por isso a contribuição da arqueologia para a História da África não se limita à descoberta de novas fontes e complementares a serem utilizados por outros, mas vai para o coração do empreendimento histórico.

Estudar uma abordagem tão complexa como a que nos propusemos, é uma tarefa difícil porque, até ao momento, continuam exíguos os meios técnicos e materiais para o estudo da História de África em geral e de Angola em particular. As fontes disponíveis no local em que se desenvolve esta pesquisa, precisam ser seleccionadas, sistematizadas estudadas e divulgadas para abordagens mais alargadas e as existentes, são em linhas gerais desconhecidas, o que causa em nós, a necessidade de conhecê-las, para que sirvam de registos da nossa memória social, já que entendemos serem as únicas testemunhas silenciosas que, são os vestígios materiais guardados ou abandonados no decurso dos tempos.

Uma contribuição fundamental para a compreensão do modo de vida e cultural da fase Pré-histórica, recai sem dúvida ao Museu Nacional de Arqueologia de Benguela, que traz à tona variadas manifestações da cultura material existente, que ilustram as formas culturais da infância humana, e que muitas vezes passam despercebidas a observação, análise e interpretação dos historiadores.

O artigo em vista, é uma abordagem de âmbito histórico-cultural e trazemo-la à luz, primeiro pelo interesse que temos nesta vertente, segundo para ser usado como um

instrumento que contribua para melhoramento do processo de ensino e aprendizagem da disciplina de História e que pode levantar celeumas sobre a História do povo angolano em função do processo histórico da humanidade, entre especialistas deste domínio e de outras áreas transversais com a comunidade académica em especial e a sociedade em geral, servindo de oportunidade para que os estudantes se familiarizem com o percurso histórico do Património em foco.

Neste sentido, pretende-se discutir o seguinte problema: que trabalhos arqueológicos foram desenvolvidos pelo Museu Nacional de Arqueologia de Benguela no período de 1976 à 1980? Do problema de investigação derivaram as seguintes perguntas de investigação: Que antecedentes estiveram na base da criação do Museu Nacional de Arqueologia de Benguela?; Que Estações Arqueológicas foram descobertas no período 1976-1980?; Que tipo de materiais arqueológicos foram encontrados nas estações arqueológicas no período 1976 - 1980?; Que quantidade de material arqueológico foi colocado no Museu Nacional de Arqueologia no período em análise?

Com vista a solucionar o problema levantado, determinou-se como objectivo geral, apresentar os trabalhos arqueológicos efectuados pelo Museu Nacional de Arqueologia de Benguela no período de 1976 à 1980. Em seguida, derivaram-se os seguintes objectivos específicos: analisar os antecedentes que conduziram a criação do Museu Nacional de Arqueologia no ano de 1976; identificar as Estações Arqueológicas que foram descobertas no período 1970-1980; citar os tipos de materiais arqueológicos existentes no Museu Nacional de Arqueologia no período 1976-1980; apresentar a quantidade de material arqueológico colocado no Museu Nacional no período em análise.

2 | DESCRIÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO DO MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA DE BENGUELA

O edifício do Museu Nacional de Arqueologia de Benguela foi erguido nos finais do século XVI e a sua construção terminou no início do século XVIII, serviu para armazenar escravos no período conhecido como a “Era do Tráfico de escravos” transportados para várias partes do mundo através do litoral benguelense principalmente para as Américas.

O Museu Nacional de Arqueologia de Benguela situa-se no município sede da província de Benguela, foi criado e fundado em 1976, por Luis Joaquim Marques Pais Pinto¹, logo depois da Independência de Angola, inicialmente funcionou no edifício do Ex-Cabo Submarino, mas oficialmente passou a funcionar como Museu a partir dos anos 1978, no edifício conhecido também como ex-Alfandega de Benguela. O edifício onde funciona o Museu Nacional de Arqueologia de Benguela localizado na designada zona histórica da cidade, sofreu variadíssimas transformações, tendo de 1869/1870, sido reconstruído em pedra e de 1887/1891 sofreu novas modificações, sendo ampliado em 1914, e

¹ (1950-1998) Foi um Arqueólogo angolano, fundador e primeiro Director do Museu Nacional de Arqueologia de Benguela.

mantém aquela estrutura actualmente. Tem a parte frontal na rua Cerveira Pereira (actual Avenida 4 de Fevereiro), a parte traseira na rua de Timor, a parte lateral direita na rua Sacadura Cabral e, a parte lateral esquerda na avenida Comandante Kasanje. Tem como coordenadas geográficas, latitude Sul 12° 34' 49,34" e longitude Este 13° 23' 39,6", uma área de construção com cerca de 4.000 metros quadrados, a área de lote com cerca de 8.000 metros quadrados e altura com cerca de 9 metros. A parte traseira do edifício, a que serviu de armazém está dividida em quatro alas: uma central que é a de maior dimensão, duas laterais e uma menor, as alas se encontram com a sua estrutura arquitectónica inicial e com algumas modificações. A parte frontal (figura 1) mais recente que a parte traseira é construída por um átrio central onde se realizam as exposições, e outras quatro divisões (uma Biblioteca pública, o Departamento de Educação e Animação Cultural e o Departamento de Investigação Científica com um laboratório e um Arquivo do acervo arqueológico e a área que corresponde a Direcção e uma sala de reuniões.

O edifício foi classificado como Monumento Histórico Nacional aos 02 de Fevereiro de 1949 pelo Boletim Oficial nº 5; reclassificado pelo Diário da República nº 64, de 11 de Novembro de 1995 pelo Ministério da Cultura de Angola.



Figura 1. Parte frontal do MNAB.

Fonte: Museu Nacional de Arqueologia de Benguela.

2.1 Desafios da arqueologia num continente em crise (década de 1970-1980)

Segundo Máximo, a Arqueologia da África após as independências foi marcada pelas sucessivas crises políticas e económicas que afectaram os países do continente. O clima de euforia pós-emancipação política deu lugar a uma instabilidade constante e crónica que afectou toda a sociedade, e particularmente, os estudos de Arqueologia da região. Os estudos até hoje permanecem com uma divisão clara: Arqueologia Histórica e Pré-História, tal como assegura, em meados dos anos 70 e 80 os estudos sobre Pré-história, perdiam

cada vez mais espaço para aqueles focados na Idade do Ferro. Estes estudos procuravam cobrir uma grande lacuna, e assim prosperaram por toda a África (Máximo, 2013, p. 55).

Continuando, estas investigações produziram importantes frutos, resultando em reconstruções das vidas da elite, mas raramente proporcionavam uma compreensão ampliada da sociedade na qual as pessoas viviam. Compilando três importantes estudos feitos nesta década, segundo La Violette & Fleisher (2005) “reafirmam a importância de uma investigação profunda ao tema, ao observar realidades tão distintas e multifacetadas, o estudo de cidades nos faz reflectir sobre a própria utilização do termo no continente, e nos proporciona uma revisão dos conhecimentos sobre a África antiga. Além do foco em questão mais recente, procurou-se ampliar os campos de estudo, integrando principalmente a Etnologia e a Linguística, tanto como forma de obter novas perspectivas, como também sendo uma alternativa para a grave situação financeira que impedia maiores investimentos”.

Houve também uma investida contra as terminologias europeias aplicadas a África, e uma busca para superar estas concepções baseadas em problemas da realidade africana, além de encarar os artefactos não mais como produtos passivos, mas como componentes activos das sociedades. Porém, uma redução de trabalhos sobre a Arqueologia do continente foi sentida. Duas situações se tornam chave para entender este momento: a primeira é uma falta crónica de recursos económicos e humanos, gerando uma baixa na investigação arqueológica e a segunda é a dependência de auxílio externo para a realização de pesquisas. Nos novos Estados independentes os antigos centros de pesquisas foram desmantelados e os trabalhos se reduziram dramaticamente, citando os exemplos de Ghana e Nigéria (La Violette & Fleisher, 2005).

Ainda segundo Máximo, nas colónias portuguesas, e particularmente em Angola independente, a situação não foi muito distinta dos outros países africanos. Com a morte de Mendes Corrêa, a Junta de Investigação do Ultramar passa por significativas mudanças, deixando de lado a perspectiva da Antropologia Física para uma via mais etnológica. Porém, os antigos antropólogos físicos não foram abandonados, sendo constantemente aplicados nesta nova perspectiva. Para o caso Angola é importante ressaltar a mudança para o país do reconhecido antropólogo Santos Júnior, chefe das Missões Antropobiológicas de Moçambique, para Luanda e sua estreita contribuição para a fundação da Universidade de Luanda e o seu departamento de Antropologia em 1970, pioneiro entre as colónias portuguesas. O ensino e a pesquisa arqueológica começaram naquele mesmo ano, sendo as aulas realizadas na cidade de Lubango (Sul de Angola), ministradas não só por Santos Júnior, como também pelo arqueólogo Carlos Ervedosa, grande entusiasta do passado angolano. Seu envolvimento com a Arqueologia iniciou-se em 1967 com os trabalhos realizados nas estações paleolíticas de Baia Farta, em Benguela. Após a chegada de Santos Júnior iniciou-se uma parceria de pesquisas entre este e Ervedosa resultando em trabalhos realizados em Benfica I Cabolombo, nos arredores de Luanda, e sobre as pinturas rupestres de Caninguri em Mungo (Máximo 2013, p. 57).

As aulas de Arqueologia na Universidade de Angola produziram frutos muito interessantes, como o artigo publicado por Jorge em 1973, onde se relaciona uma grande quantidade de estações descobertas no Sudoeste de Angola no mesmo ano. O então professor de Arqueologia Victor Jorge, em Março de 1973, em trabalho de campo a serviço da Universidade descobriu uma área com imensa quantidade de objectos, incluindo um cemitério. Em Setembro, o sítio foi visitado pelo professor da Universidade de Lisboa, Ilídio do Amaral, que conduziu análises nas jazidas fluviais. Este local passou de um simples sítio arqueológico para objecto de ensino, algo inédito na colónia. “Várias aulas práticas de Pré-história foram dadas no local, nos anos lectivos de 1972-73 e no de 1973-74. Numa das aulas de Novembro de 1973, começaram as explorações dos terraços da margem esquerda do rio *Caculuar*, na zona fronteiriça à jazida”. Esta união entre pesquisa e ensino foi algo inovador entre os estudantes da colónia. Jorge relata outro importante sítio arqueológico trabalhado por ele pelos seus alunos na região de Alto de Catumbela, em que se realizaram escavações sistemáticas por 15 dias (Máximo 2013, p. 57).

Máximo prossegue, apesar do atraso da instauração de Universidades nas colónias portuguesas, em comparação a outros países africanos como a de Serra Leoa em 1827, a da Cidade do Cabo em 1829 e de Dakar 1938, este foi um passo importante para o desenvolvimento da Arqueologia no território, pois retirava-se o interesse puramente ideológico e político da Antropologia, trazendo uma perspectiva com um maior rigor científico e cultural. Se antes o Estado Novo utilizava-se da ciência somente com o propósito de legitimar a sua presença em território africano, através das missões antropológicas e científicas, nos anos de 1970, esta realidade se alterou, passando a problematizar mais sobre a prática científica colonial, incorporando novos pontos de vista não necessariamente ligados ao Estado. Esta nova fase da ciência portuguesa, a pesquisa de Jorge também foi inovadora em duas áreas: uma reflexão crítica acerca dos trabalhos realizados anteriormente em Angola e a incorporação de relatos históricos e etnológicos em suas análises. Jorge, mesmo inserido na estrutura do Estado Novo, conseguiu realizar algumas críticas aos trabalhos conduzidos por estudiosos anteriores (Máximo 2013, p. 57).

Máximo (2013), afirma que com a emancipação política, Angola passa por um período turbulento na área científica. Mesmo antes da declaração de independência, hostilizações e conflitos envolvendo brancos (angolanos ou portugueses) e negros se tornaram frequentes, ocasionando uma fuga em massa que acabou por fragilizar a estrutura de pesquisa. A formação em Arqueologia foi reduzida a uma disciplina anual integrada ao curso de História. Esta situação reflecte bem a falta de professores especializados nesta disciplina em Angola. Na contramão desta situação adversa, é construído o Museu Nacional de Arqueologia em Benguela, assumindo todas as funções relacionadas com as pesquisas arqueológicas nacionais, assim como a conservação do património arqueológico. A direcção é posta sob o comando do arqueólogo Luis Pais Pinto. Sua actuação, contudo, é muito limitada pela falta de recursos financeiros e humanos, resumindo a década de

80 a trabalhos de prospecção de superfície. O grande trabalho da década é justamente do ano de 1980. O livro *Arqueologia Angolana*, de Carlos Ervedosa, pretendeu realizar uma introdução à Arqueologia de Angola. Aqui lhes deixamos ficar, de forma ordenada, tudo quanto de importante se escreveu sobre as estações arqueológicas de Angola e particularmente, apresenta-se as pesquisas desenvolvidas pelo MNAB.

3 | METODOLOGIA DO ESTUDO

Para responder ao problema levantado servimo-nos de um trabalho de natureza qualitativa (Flick, 2004) que privilegiou uma pesquisa de tipo descritiva, tendo utilizado métodos teóricos e empíricos, o inquérito por questionário como técnica de recolha de dados e aplicou-se aos funcionários do MNAB, isto é, sujeitos participantes a investigação, um Guião de inquérito por questionário como um instrumento de recolha de dados.

O estudo serviu-se da utilização dos métodos de nível teóricos, designadamente: Análise-síntese, Indução-dedução e Histórico-lógico e os de nível empírico: a observação, a pesquisa bibliográfica e documental. Quanto a técnica de recolha de dados elegeu-se da análise de conteúdos às respostas emitidas pelos sujeitos no âmbito aplicação do instrumento de recolha de dados, o Inquérito por questionário, que favoreceu a obtenção dos resultados que a seguir se apresentam.

Quanto aos sujeitos participantes à investigação, a intenção da nossa abordagem ancorou-se no desejo de trazer à luz, um aporte teórico que possibilite divulgar, destacar a especificidade e a importância da existência do Museu Nacional de Arqueologia como sendo um espaço histórico onde se interligam diversas obras da humanidade (materiais líticos, cerâmica, pinturas rupestres), que caracterizam as primeiras formas de sociedade (sócio-génese). Assim, de acordo com o Organigrama do Museu Nacional de Arqueologia, a Direcção está estruturada em quatro Departamentos com funções específicas. Nesta esteira, o MNAB apresenta uma população de vinte e nove (29) funcionários, a saber: Três (3) Membros da Direcção e vinte e seis (26) funcionários das distintas áreas que conformam a instituição. Para o estudo em foco, contamos com três (3) Membros da Direcção e cinco (5) especialistas que constituem os sujeitos participantes da investigação. Como é sabido as investigações de natureza qualitativa não exigem representatividade da amostra, uma vez que não busca generalizar os dados conseguidos.

4 | RESULTADOS

Fruto do inquérito por questionário aplicado aos sujeitos participantes da investigação, percebeu-se que as Pesquisas realizadas pelo Museu Nacional de Arqueologia de Benguela no período pós-Independência de Angola, em 1975, conheceu um grande vazio de pessoal especializado ao nível da Educação Nacional devido à partida de um número importante de

docentes do país para a Europa. A Arqueologia não foi poupada desse fenómeno que junto ao conflito armado que se produziu após a Independência, tornou a prática da disciplina muito difícil. Certamente havia aqui e ali algumas sondagens e escavações, porém sem métodos, o que infelizmente, não ajudou muito a Arqueologia, como asseveram (Gutierrez² & Benjamim 2017, p.11). Os autores apontam que desde essa data, a equipa do Museu Nacional de Arqueologia de Benguela, prospectou a província e constituiu uma importante colecção lítica que provinha essencialmente de recolha de superfície. A região da Baía-Farta foi também objecto de prospecções e recolha de peças líticas das quais um certo número, notavelmente os bifaces, haviam sido classificados como indústrias do Acheulense médio.

As diferentes abordagens que haviam sido colocadas em prática para o conhecimento das indústrias do paleolítico desta região, e de outras partes do país indicam segundo eles, a antiguidade e a importância dos sítios, mas, as questões como a estratigrafia e o contexto do material não haviam sido abordados com métodos. Mas, nesta altura o Museu de Benguela continha já uma colecção de peças tão importantes, especialmente bifaces, machadinhas e picos que parecia que a existência da indústria Acheulense estava suficientemente provada. Todavia, a origem precisa das peças faltava (Gutierrez & Benjamim 2017, p. 11).

Quanto ao Tratamento dos dados plasmados no relatório produzido no período em discussão, as descobertas das mesmas precedem à existência do Museu Nacional de Arqueologia que por razões de vária ordem, passou a existir apenas a partir do ano de 1976. Neste período, o Museu Nacional de Arqueologia de Benguela, agrupou cerca de 16 Estações arqueológicas distribuídas entre as províncias de Luanda, Bengo, Uige, Namibe, Huambo, Huila e Benguela. Quanto aos artefactos, regularmente se encontram em grande quantidade, instrumentos líticos como: núcleos, raspadores, picos, machados, chopper, micro-núcleos, micro-raspador, lascas, entre outros. Ainda é possível encontrar cerâmica, ossos e missangas. No que tange a existência ou não de vestígios de ossos nas estações arqueológicas de Benguela, os especialistas asseguram que existem este tipo de vestígios apesar de não serem relativos à seres humanos, mas indicam a existência ou a passagem dos humanos naquela localidade.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Feito o tratamento dos dados e a sua análise, depreendemos das respostas dos sujeitos participantes as seguintes preocupações: falta de meios para os trabalhos sistemáticos e contínuo de campo, pouca relação entre esta instituição (Museu) com as instituições afectas ao ensino, bem como dos organismos de tutela de onde viria maior parte do apoio, como é o caso do Ministério da Cultura que, segundo o que nos foi aludido apesar de representado localmente, as relações se abrem mais com o Ministério Central

2

(Luanda). Foi de grande impacto neste trabalho, termos percebido o fraco interesse por parte das instâncias governamentais a protecção de locais identificados como património cultural, histórico e arqueológico. Foi ainda manifestada a necessidade de se criar um quadro docente para a formação no país de especialistas versados em Arqueologia.

Assim, pensamos nós que, o Arquivo Histórico Nacional e outras Instituições como é o Museu, existentes no nosso país, devem estar ao serviço da Universidade, do Ensino Geral e Secundário para que professores e estudantes façam deles, importantes ferramentas de consulta e estudo para construção do conhecimento histórico no âmbito local e/ou nacional, de maneira que a nossa História seja divulgada, bem como esteja ao alcance de curiosos e investigadores das mais distintas áreas do saber, com base em fontes muitas vezes existentes a nossa volta, mas ainda muito pouco exploradas como é o caso do Museu Nacional de Arqueologia de Benguela que apesar, da importância da sua existência e constar da lista do Património Histórico-Cultural, é pouco divulgado nos trabalhos sociais e académicos ao nível local, com maior realce aos estudantes que frequentam o Curso de História, no Instituto Superior de Ciências da Educação que fazem dela um elo de ligação para as práticas em Arqueologia e para o cruzamento de fontes na abordagem precisa em matéria de Pré-história. Todavia, esta iniciativa visou divulgar ou disseminar estas fontes poucas exploradas.

REFERÊNCIAS

Angola, Lei nº 53 / 13 de 7 de Outubro de 2005. Regulamento do Património Cultural Imóvel. Diário Da República, Órgão Oficial da República de Angola, 6 de Junho de 2013.

Bahn, P. G. **Arqueologia - o guia essencial**. Portugal: Artemágica Editores, 2005.

Bicho, N. F. **Manual de Arqueologia Pré histórica**. Lisboa: Edição 70, 2006.

Ervedosa, C. **Arqueologia Angolana**. República Popular de Angola: Ministério da Educação, 1980.

Figueiredo, P. **Dicionário de Termos Arqueológicos**. Lisboa: Edição de livros e revistas, Lda, 2004.

Frederic, L. **Manual prático de Arqueologia**. Coimbra: livraria Almedina Coimbra, 1980.

Flick, U. **Uma introdução à Pesquisa Qualitativa**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

Gutierrez, M.; Benjamim, M. H. A Pré-História de Angola: dos seus precursores aos dias de hoje. **Recherches sur L'Afrique: Archéologie et Arts**. França, Université Paris 1 Panthéon Sarbonne, nº1, p. 16-29. Set/out. 2001.

Henrique, A. **Identidade e Património Cultural**. Portugal: Edições ASA, 1989.

Jorge, V. O. **Breve introdução à Pré-História de Angola**. Sá da Bandeira, 1974.

LaViolette A, Fleisher J. The archaeology of sub-Saharan urbanism: cities and their countrysides. In: *African archaeology: A critical introduction*, Ann B. Stahl, ed. Oxford: Blackwell, pp. 327–352, 2005.

Máximo, B. P. Uma História da Arqueologia na África: Peculiaridades, Conflitos e Desafios. Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2013. Disponível em: [https://www.academia.edu/7195588/ Uma_Hist%C3%B3ria_da_Arqueologia_na_%C3%81frica_Peculiaridades_Conflitos_e_Desafios_da_disciplina_em_Angola](https://www.academia.edu/7195588/Uma_Hist%C3%B3ria_da_Arqueologia_na_%C3%81frica_Peculiaridades_Conflitos_e_Desafios_da_disciplina_em_Angola)

Vansina, J. Historians are archeologists your siblings? *History in Africa*, Cambridge, v.22, p.369-408, 1995.

A

Aprendizagem 2, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 45, 47, 48, 69, 77, 78, 79, 81, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 95, 107, 111, 115, 118, 119, 122, 129, 136, 138, 139, 143, 145, 146, 148, 149, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 163, 165, 166, 167, 168, 172, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 199, 200, 209, 210, 215, 219, 220, 221, 223, 224, 227, 229, 230, 245

Aprendizagem por competências 209

Aprendizagem significativa 118, 145, 146, 148, 149, 152

Aspectos ontológicos 1

Assessoria psicopedagógica 164

Autoetnografia 209, 217

Autorregulação da aprendizagem 153, 154, 156, 157, 163

B

Bibliometria 30, 40

C

Cidadania 14, 19, 23, 61, 63, 116, 121, 128, 132, 146, 148, 150

Ciências da natureza 147, 148, 151, 218, 222, 223

Covid-19 24, 28, 29, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 92, 118, 122, 124, 129, 130, 132, 140, 156, 195, 198

CTS 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 129, 130, 131, 132, 230

Custo dos alimentos 118

D

Desigualdade 16, 18, 21, 108, 109, 111, 114, 115

Direitos humanos 13, 14, 15, 18, 22, 23, 110, 113

Discurso de gênero 13

Docente 17, 31, 75, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 87, 89, 90, 91, 92, 100, 108, 111, 114, 134, 136, 137, 138, 151, 156, 164, 166, 170, 190, 191, 200, 209, 210, 221, 229, 244, 245

E

Educação 3, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 70, 73, 75, 78, 79, 80, 81, 90, 91, 92, 93, 95, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 124, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 171, 189, 190, 191, 194, 195, 200,

201, 210, 213, 216, 220, 227, 229, 230, 236, 244, 245

Educação científica 146, 148, 150, 151

Educação digital 78, 79, 81, 92, 93

Educação do campo 65, 66, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 141, 142, 144, 244

Educação libertadora 52, 63

Educación superior 173, 182

Ensino 2, 10, 13, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 53, 59, 60, 61, 63, 64, 67, 69, 71, 72, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 100, 102, 111, 112, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 164, 165, 166, 167, 168, 172, 184, 187, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 198, 200, 201, 203, 209, 210, 212, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 228, 229, 230, 244, 245

Ensino de Engenharia 209, 210

Ensino de Matemática 118, 131, 133, 135, 138, 140, 244

Ensino fundamental 13, 19, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 59, 91, 138, 141, 146, 166, 200, 201, 229

Ensino superior 45, 47, 48, 80, 82, 87, 91, 94, 95, 120, 153, 154, 155, 156, 157, 244

Entonação 94, 104

F

Formação 1, 10, 12, 18, 52, 53, 54, 56, 58, 61, 63, 64, 72, 75, 82, 89, 90, 91, 101, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 128, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 152, 153, 155, 163, 165, 166, 190, 191, 212, 220, 223, 244, 245

Formação continuada 108, 110, 112, 116, 133, 134, 135, 136, 141, 142, 143, 144

Formação docente 90, 245

H

História 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 36, 52, 53, 54, 56, 57, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 72, 75, 76, 79, 90, 169, 184, 187, 188, 195, 206, 208, 216, 219, 221, 234, 244, 245

História de vida 52, 54

I

Inclusão 13, 81, 108, 109, 132, 166, 189, 199

Inteligência artificial 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46,

47, 48, 49, 51

L

Learning 24, 25, 26, 28, 33, 34, 35, 40, 41, 42, 43, 49, 50, 51, 78, 145, 146, 147, 154, 163, 174, 190, 209

Lectura 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182

Leitura 18, 21, 35, 36, 48, 54, 85, 94, 95, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 168, 170, 202, 203, 205, 206, 207, 208, 210, 221, 225, 226

Livro didático 13, 17, 20, 192, 228

M

Metacognição 153, 154, 155, 156, 163

Modelo resposta à intervenção 164

N

NDE 156, 209, 210, 211, 216

O

Óleo ozonizado 237, 238, 240, 242

Ozonioterapia 238, 239, 242

P

Pandemia 28, 29, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 77, 78, 79, 80, 84, 86, 90, 91, 92, 93, 118, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 132, 133, 140, 144, 156, 186, 187, 194, 195, 198, 202, 205, 220

Património histórico-cultural 67, 75

Pedagogy 24, 154

Pensamento crítico 32, 118, 120, 124, 125, 150

Povo brasileiro 1, 2, 7, 10, 12

Práticas 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 40, 41, 45, 46, 48, 72, 75, 83, 95, 113, 121, 122, 131, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 150, 152, 164, 165, 184, 187, 188, 198, 202, 206, 210, 215, 223, 236, 244

Práticas de ensino 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 40, 41, 45, 48, 83, 164, 210

Preconceito 9, 16, 108, 109, 111, 113, 115

Procrastinação 153, 155, 156, 163

Programação 189, 190, 191, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201

Proposta psicopedagógica 164, 165, 166, 169, 171

Psicopedagogia institucional 164, 165, 166, 169, 170, 171, 172, 244

R

Raça 1, 8, 9, 10, 12

Rede social 81, 202, 204, 205, 206, 208

Revolução Francesa 13, 14, 16, 17, 18, 21, 22

Robótica 38, 45, 47, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 198, 199, 200, 201

S

Sequência didática 218, 219, 221, 222, 228, 229

Students 24, 25, 26, 27, 28, 35, 42, 43, 50, 78, 146, 154, 190

T

Tecnologia 30, 31, 40, 79, 81, 86, 95, 111, 119, 120, 121, 126, 129, 130, 131, 137, 143, 150, 151, 152, 189, 190, 191, 195, 199, 200, 214, 215, 218, 219, 221, 222, 223

Teletrabalho 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Teoria dialógica 94, 100, 102, 103

Trabalhos arqueológicos 67, 69

V

Verminoses 237, 238, 239, 242

Violência 8, 10, 80, 84, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116

Virtualization 24, 25

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Perspectivas de evolução e tendências

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Atena
Editora
Ano 2022

Vol 4

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Perspectivas de evolução e tendências

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Atena
Editora
Ano 2022

Vol 4